

«SE VÊS O AMOR, VÊS A TRINDADE SANTÍSSIMA»

“Deus não é definível. Sob nenhuma forma e em nenhuma circunstância. Ele é e será sempre outro relativamente a qualquer formulação nossa a seu respeito. (...)”

O amor é, sem sombra de dúvidas, o grande motivo que torna possível falar da Trindade. A própria formulação trinitária da «teo-logia» cristã pode ser vista como um desdobramento dessa afirmação neotestamentária. Por um lado, Deus não tem apenas gestos de amor. Ele é amor. É-o em si próprio. Por outro, trata-se de um amor digno desse nome. Não um amor que, solipsisticamente, se compraz consigo. Antes um amor que gera um outro. Antes um amor que recebe do outro todo o seu ser. É um amor assim, substancial e pessoal, que interpreta e dá forma à «teologia» dos cristãos.

O amor é um elemento possível da nossa experiência do outro. Quando se verifica, será mesmo um elemento determinante dessa experiência. Não o afirmo apenas por referência à «teo-logia». Digo-o, antes de mais, da experiência do outro que todos conhecemos e fazemos. Amar é tantas vezes a via existencial para chegar àquelas conclusões a que o pensamento acede por outros caminhos. Na experiência do amor torna-se por demais evidente como o outro me devolve a verdade do que sou eu. Como se o eu estivesse mais nesse outro que em si próprio. Como se o eu só no outro verdadeiramente se esclarecesse e consumasse. A via afetiva será, talvez, a via ordinária para o percebermos, a via pela qual nós primeiro, e em maior número, aprendemos o quanto somos «inter-dependentes» uns dos outros. Aquilo que a filosofia, com as suas ferramentas, nos ensina sobre o outro, ensina-nos igualmente a experiência do amor de forma mais democrática e estimulante.

Foi precisamente aí, na experiência do amor, que Santo Agostinho (354-430), na sua infatigável procura da verdade, encontrou a superior analo-

gia para penetrar no mistério da Trindade. A sua questão não está muito longe da nossa: «A partir de que analogia ou de que comparação com as coisas conhecidas acreditamos nós, para amarmos o Deus que ainda não conhecemos?». Trata-se de encontrar uma analogia da vida capaz de nos conectar com a Trindade. Mas trata-se também de uma questão de experiência vivida. É nesta demanda que o amor surge como essa grande analogia que, de entre «as muitas trindades conhecidas por experiência», nos permite ver como na nossa experiência tocamos algo da lógica trinitária de Deus: «o amor é pertença de alguém que ama, e com o amor amase alguma coisa. São, como se vê, três coisas: aquele que ama, aquilo que é amado e o amor. Que é então o amor senão uma vida que une ou procura unir duas coisas, aquele que ama e aquilo que é amado? [...] São três as coisas, aquele que ama e aquilo que é amado e o amor.»

Inscrita na dinâmica do amor humano, há, pois, esta trindade: o amante, o amado e o amor. Isto é algo que, quando dissecamos a experiência do amor, havemos de encontrar sempre lá. Não há amor se não houver um eu que ame. Não há amor se não houver um outro que é amado. Não há amor sem amor, isto é, sem esse laço que une de maneira sublime o mesmo e o outro, o eu e o tu. Isto assim em nós e entre nós. Mas também isto assim no Deus amor: uma trindade de amante, amado e amor.

Um primeiro impulso levaria a identificar cada elemento desta trindade do amor com cada uma das Pessoas da Trindade divina: o Pai, o amante; o Filho, o amado; o Espírito, o amor. Não julgo ser possível recusar esta aplicação da analogia trinitária do amor. Mas julgo também que seria redutor ver nesta distribuição a única possibilidade trinitária da experiência do amor. Agostinho, pelo menos, não o faz. Mais do que aplicá-la à Trindade, ele deixa-a no ar como sugestão trinitária, insinuando-a como uma analogia aberta. Esta sua

circunspeção permite que a analogia continue a falar, podendo dizer outras coisas acerca do amor e da Trindade, porque não a fecha num só sentido. Pelo contrário, ela deixa que o dinamismo da vida trinitária possa dizer outras coisas de si mediante esta mesma analogia do amor.

Ao cético do seu tempo, mas também do nosso, a esse que luta com a imagem trinitária de Deus, Agostinho interpela de modo direto e franco: «Tu dirás: “Eu vejo o amor, [...] mas, ao vê-lo, não vejo a Trindade.” Bem pelo contrário, se vês o amor vês a Trindade. Levar-te-ei, se puder, a ver que vês». Eis uma resposta às perplexidades com a Trindade que, mais do que do século v, nos chega diretamente da nossa experiência. É que também nós, quando vemos o amor, vemos qualquer coisa de trinitário, mesmo que disso não nos apercebamos. É que também nós, quando experimentamos o amor ao outro, experimentamos qualquer coisa de trinitário, mesmo que disso nem sempre tenhamos consciência. O amor inscrito na nossa experiência do outro mostra-se, pois, uma gramática ajustada para a interpretação da fé trinitária. Nele podemos ver que já vemos qualquer coisa da Trindade. (...)

A experiência do amor tem sempre qualquer coisa de uno e trino, no sentido de que tem sempre qualquer coisa de unidade e alteridade. O amor une o eu e o tu. Mas o amor conserva o tu sempre como um outro. Não o dilui nem o assimila no eu. Não saberemos descrever o amor sem conservarmos estas duas verdades. Tal como não saberemos descrever o Deus Trindade sem conservarmos que as pessoas nele se unem para ser um só Deus, sem contudo diluírem ou assimilarem a sua alteridade pessoal e divina. Eis como se poderá ver, de forma vital, na experiência do outro e, sobretudo, na experiência de amor ao outro muito daquilo que o Cristianismo confessa em Deus Trindade” (Alexandre Palma, in *Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura*).

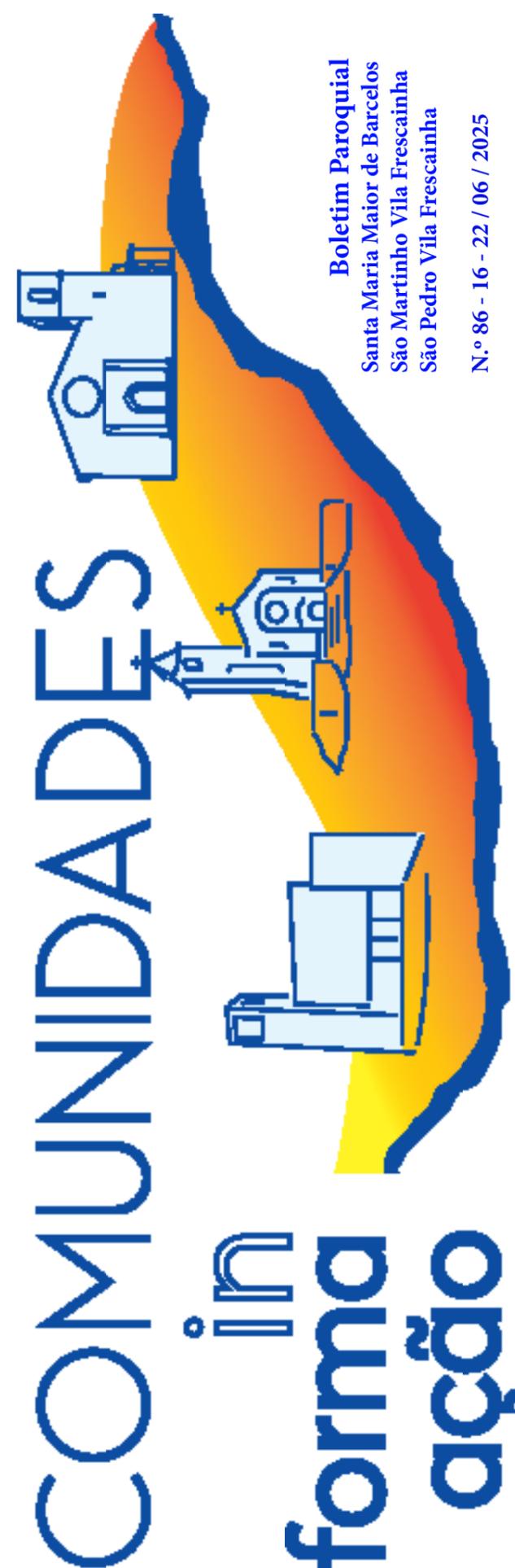
PALAVRA DA SALVAÇÃO



“Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas não as podeis compreender agora. Quando vier o Espírito da verdade, Ele vos guiará para a verdade plena; porque não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que está para vir. Ele Me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará. Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso vos disse que Ele receberá do que é meu e vo-lo anunciará»” (Jo 16, 12 - 15).

Acção:

- “Quando vemos o amor, vemos qualquer coisa de trinitário, mesmo que disso não nos apercebamos.
- Quando experimentamos o amor ao outro, experimentamos qualquer coisa de trinitário, mesmo que disso nem sempre tenhamos consciência” (Alexandre Palma).
- Fazer o Sinal da Cruz.
- Rezar: Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo.





SANTA MARIA MAIOR - Barcelos

Segunda-feira - 16/06/2025

(Féria da 11ª Semana do Tempo Comum)

- **09:00h (Senhor da Cruz):** Manuel Rosa Batista da Costa.

- **15:30h (Igreja do Terço):** Ana Lopes Monteiro.

Terça-feira - 17/06/2025

(Féria da 11ª Semana do Tempo Comum)

- **18:00h (Menino Deus):** Celebração com finalistas.

- **19:00h (Igreja Matriz):** 2º aniv. de Maria Irene Barbosa Silva / Aniv. de nascimento de Maria Eugénia Fernandes Ribeiro.

Quarta-feira - 18/06/2025

(Féria da 11ª Semana do Tempo Comum)

- **09:00h (Capela de S. José):** José Araújo Novo e familiares.

- **15:30h (Igreja do Terço):** Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Confraria do Terço / Maria dos Anjos da Silva Osório e marido.

- **18:00h (Menino Deus):** Celebração com finalistas.

Quinta-feira - 19/06/2025

(Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo)

- **09:00h (Senhor da Cruz):** Pelas almas do Purgatório.

- **11:00h (Igreja Matriz):** Maria Arminda Fernandes da Costa / José Pimenta do Vale / António Meira e Otilia Pilar. **Celebração baptismal de Benedita de Lima e**

Cunha, Fernando Xavier Leal Pinto, José Pedro Fernandes Coelho e Manuel Fernandes Coelho.

Sexta-feira - 20/06/2025

(Féria da 11ª Semana do Tempo Comum)

- **09:00h (Senhor da Cruz):** Maria Olívia da Cunha, marido e neto / Manuel Fonseca e esposa.

Sábado - 21/06/2025

(Domingo XII do Tempo Comum)

- **12:30h (Igreja Matriz):** Celebração baptismal de Oliver Duarte Leonov Reis.

- **16:30h (Capela de S. José):** José Joaquim Ramos Coelho.

- **17:30h (Igreja Matriz):** 30º dia de Óscar da Silva Carvalho / Manuel Rosa Batista da Costa, esposa e filhos.

Domingo XII do Tempo Comum (Ano C) - 22/06/2025

- **09:00h (Senhor da Cruz):** Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Real Irmandade do Senhor da Cruz / Maria Salete Poças Andrade, pais e familiares / António Vale / Maria Teresa Fernandes Pereira, pais, sogros, irmãos e cunhado.

- **11:00h (Igreja Matriz):** Pelos paroquianos, vivos e falecidos, de Santa Maria Maior.

- **15:30h (Igreja do Terço):** Augusto Dias Salgueiro, esposa e família.

SÃO MARTINHO - Vila Frescainha

Quinta-feira - 19/06/2025 (Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo) - 08:00h: Ação de graças ao Sagrado Coração de Jesus (Amélia Martins) / Irmãos e irmãs da Confraria do Santíssimo Sacramento / Aniv de Maria Amélia Fernandes (nora) / Aniv de nasc de Augusto Ferreira Carvalho / Alfredo Miranda Rodrigues e Maria Alice Silva Pinto / Carlos Alberto Peixoto de Carvalho / Agostinho da Silva Mendes, pais, sogros e irmãos / Júlio Faria Ramos e sogros (família) / Familiares de Gracinda da Silva Sousa / Francisco de Freitas Mano (filho, Carlos).

Sábado - 21/06/2025

- **11h30:** Celebração baptismal de Margarida Filipa da Silva Ferreira.

- **15h00: Arraial de S. João.**

Domingo XII do Tempo Comum (Ano C) - 22/06/2025 -

09:30h: Aniv de Domingos Alves Barbosa Senra (esposa) / Aniv de José Augusto Costa, Germano Dantas Costa, Francisca Barbosa Freitas, Beatriz Carvalho Freitas e Susana Costa (Berta Costa) / Aniv de nasc de Joaquim da Silva Carvalho, esposa, e Maria Emília Figueiredo Pimenta (filhos) / Maria Martins Costa e Marido (família) / Marcelina da Assunção Miranda Andrade / António Oliveira da Cruz (esposa) / José Maria Barbosa Abilheira (filhos) / Glória Lopes da Silva e marido (filhos) / Domingos Gonçalves Cardoso, Adelina Rodrigues, filha, genro e Luís Gonzaga Rodrigues Cardoso (Teresa Cardoso) / João da Silva Bouças (amigo da família) / José António Guimarães Sousa, Maria Dolores Miranda da Silva e filho, António de Jesus / Joaquim Gomes Cardoso Faria (esposa).

SÃO PEDRO - Vila Frescainha

Quinta-feira - 19/06/2025 (Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo) - 09:30h: Irmãos e irmãs da Confraria do Santíssimo Sacramento / Ação de graças a Nossa Senhora de Franqueira (Mª Céu Silva) / Aniv de Maria Martins Cardoso e marido / José Manuel Silva Fernandes e pais (irmã, Conceição) / Maria Conceição Gomes Gandra e marido (António Bernardino Ferreira) / José Vieira Rego / Agostinho Senra Brito e esposa (filho, Joaquim).

Sábado - 21/06/2025 (Domingo XII do Tempo Comum,

Ano C) - **19:00h:** Aniv de Maria Arminda Pereira Faria (família) / Aniv de Fernando Soares (sobrinha, Maria) / Aniv de nasc de Maria Irene da Silva Martins Rodrigues e filho, Joaquim Agostinho Martins Cardoso (marido) / Manuel Ferreira, esposa, Maria da Graça Costa Miranda, e filhos / Pais e sogros de Henrique Dias Santos (filho, Henrique) / Joaquim Arantes Miranda (esposa e filhos).

Domingo XII do Tempo Comum (Ano C) - 22/06/2025

- **08:00h:** Aniv de Joaquim da Costa Cardoso / Aniv de Maria da Conceição Miranda Rodrigues (filha, Zita) / Aniv de Nicolau Vilas Boas Figueiredo de Barros (Glória Barros) / Adelino Matos Coelho (família) / António da Costa Barbosa e Maria Madalena Jesus Barbosa (filhas) / Joaquim Lourenço Pereira (filhos) / Pais e familiares de Lurdes Figueiredo / Arminda Fernandes Figueiredo (Luís Matos) / Manuel Barbosa Dias, esposa e filho.

Perspectivas trinitárias (Papa Francisco, Carta Encíclica, Dilexit nos - Amou-nos)

“A devoção ao Coração de Jesus é marcadamente cristológica; é uma contemplação direta de Cristo que convida à união com Ele. Isto é legítimo, se tivermos em conta o que pede a Carta aos Hebreus: correr a nossa prova «tendo os olhos postos em Jesus» (Heb 12, 2).

Entretanto, não podemos ignorar que, ao mesmo tempo, Jesus se apresenta como o caminho para ir ao Pai: «Eu sou o caminho [...]. Ninguém pode ir ao Pai senão por mim» (Jo 14, 6). Ele quer conduzir-nos ao Pai. É por isso que a pregação da Igreja, desde o início, não nos detém em Jesus Cristo, mas nos conduz ao Pai. Ele é quem por fim, enquanto plenitude originária, deve ser glorificado. Detenhamo-nos, por exemplo, na carta aos Efésios, onde podemos ver com força e clareza como a nossa adoração se dirige ao Pai: «Eu dobro os joelhos diante

do Pai» (Ef 3, 14). «Um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por todos e permanece em todos» (Ef 4, 6). «Sem cessar, dai graças por tudo a Deus Pai» (Ef 5, 20).

O Pai é Aquele a quem estamos destinados (cf. 1 Cor 8, 6). Por isso, São João Paulo II dizia que «toda a vida cristã é como uma grande peregrinação para a casa do Pai». É o que experimentou Santo Inácio de Antioquia no seu caminho para o martírio: «Dentro de mim, há uma água viva, que murmura e diz: “Vem para o Pai”. Ele é, acima de tudo, o Pai de Jesus Cristo: «Bendito seja o Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo» (Ef 1, 3). É «o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai a quem pertence a glória» (Ef 1, 17). Quando o Filho se fez homem, todos os desejos e aspirações do seu coração humano se dirigiam ao Pai. Se vemos como Cristo se referia ao Pai, podemos constatar este

fascínio do seu coração humano, esta orientação perfeita e constante para o Pai. A sua história nesta nossa terra foi um caminhar sentindo no seu coração humano um apelo incessante para ir ao Pai.

Sabemos que a palavra aramaica que Ele usou para se dirigir ao Pai foi “Abbá”, que significa “paizinho”. No seu tempo, esta familiaridade incomodava alguns (cf. Jo 5, 18). É a expressão que Jesus usa para falar com o Pai quando surgiu a angústia da morte: «Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres» (Mc 14, 36). Reconheceu-se sempre amado pelo Pai: «por me teres amado antes da criação do mundo» (Jo 17, 24). E, no seu coração humano, Jesus ficou em êxtase ao ouvir o Pai dizer-lhe: «Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus todo o meu

agrado» (Mc 1, 11).

O quarto Evangelho diz que o Filho eterno do Pai esteve sempre «no seio do Pai» (Jo 1, 18). Santo Ireneu refere-se ao «Filho de Deus [...] existindo desde sempre junto do Pai». E Orígenes sustenta que o Filho persevera «na contemplação perpétua da profundidade paterna». Por isso, quando o Filho se fez homem, passou noites inteiras a comunicar com o Pai amado, no cimo da montanha (cf. Lc 6, 12). Dizia: «Tenho de estar na Casa do Meu Pai» (Lc 2, 49). Vejamos as suas expressões de louvor: «Jesus estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse: “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra”» (Lc 10, 21). E as suas últimas palavras, cheias de confiança, foram: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23, 46)”.
